

PARA LER EURICO ALVES BOAVENTURA*

Rita Olivieri

Prof. Adjunto do Dep. de Letras e Artes

RESUMO - Este trabalho pretende ser uma primeira leitura da obra poética de Eurico Alves, dando destaque às preferências temáticas, ao contexto poético que exerceu influência sobre sua obra e à forma de captar e dar expressão aos elementos do real. Essas anotações são precedidas de algumas colocações, visando a situar o poeta no Movimento Modernista na Bahia.

ABSTRACT - This paper is a result of a first reading of Eurico Alves's poetry, and it focuses on the main themes that influenced his work. It also shows the way of catching the elements from the real, giving form to them. Preceding these notes some points are presented aiming at establishing the poet in the Modernist Literature of Bahia.

O Brasil e a Bahia, com exceção de alguns raros pesquisadores, ignoram a existência da obra de um grande poeta modernista baiano, também contista, ensaísta e estudiosos dos aspectos sociológicos e arqueológicos do sertão da Bahia: Eurico Alves Boaventura. Uma obra vasta, inexplicavelmente ainda não editada. Alguns poemas, contos e ensaios foram publicados em jornais e revistas da Bahia e de alguns Estados do Nordeste, como Alagoas e Pernambuco, durante um período compreendido entre 1928 e a década de 60.

Em 1978, Juracy Dórea, poeta feirense, artista plástico e amigo pessoal de Eurico, publica um ensaio reunindo dados sobre a vida e a obra do poeta, intitulado *Eurico Alves, poeta baiano*. Nesse trabalho pioneiro e que reúne informações fundamentais para a compreensão da obra de Eurico, Juracy afirma: "Permanecer este material (a obra de Eurico Alves) indefinidamente relegado ao circuito familiar é algo, sob todos os aspectos, injustificável, algo que, se perpetuado, constituirá um perigoso depoimento contra a inteligência de Feira de Santana". Apesar do

(*) Eurico Alves Boaventura (1909-1974): poeta, baiano de Feira de Santana, participou do grupo fundador da revista *Arco & Flecha* que, de 1928 a 1929, reuniu escritores sensíveis à tendência de renovação literária do Modernismo. Publicou poemas, contos e crônicas em periódicos da Bahia e de alguns Estados do Nordeste até a década de 60. A partir de sua vivência do sertão baiano escreveu vários ensaios sobre a região, sendo que alguns desses ensaios resultaram de seus estudos arqueológicos. Realizou um trabalho inédito de aproximadamente 500 páginas sobre a civilização do couro, intitulado *Fidalgos e Vaqueiros*. Além desses trabalhos e de sua obra poética, Eurico Alves possui dois livros de contos, também inéditos: *Beira Rio e Cipós Verde* (1930).

alerta de Juracy Dórea, oito anos após a publicação do seu trabalho, a obra de Eurico continua inédita, não obstante os esforços da professora de Literatura da UNICAMP, Maria Eugênia Boaventura, filha de Eurico Alves, junto aos órgãos de cultura do estado da Bahia, no sentido de conseguir a publicação da sua obra poética cuja organização deveu-se a um paciente trabalho de pesquisa da professora.

Ao escolhermos trabalhar com esse tema, pretendemos contribuir para uma análise da importância da obra poética de Eurico Alves Boaventura no movimento modernista da Bahia e do seu ideário poético. Nessa abordagem inicial da obra de Eurico Alves, adotamos uma visão panorâmica do assunto, reconhecendo a necessidade de aprofundarmos aspectos aqui levantados em estudos posteriores. Porém, o objetivo maior de nosso trabalho é o de reafirmar a urgência de tornar pública a obra desse grande poeta baiano. Para ler Eurico Alves Boaventura, é necessário que a omissão dos órgãos de cultura do estado da Bahia dê lugar a um ato concreto que é o da edição de sua obra, começando pela sua obra poética.

UM POETA MODERNISTA À MODA DO SUL

Eurico Alves Boaventura participou do grupo fundador da Revista *Arco & Flexa*, juntamente com Pinto de Aguiar, Carvalho Filho e Hélio Simões. *Arco & Flexa* tem o primeiro número lançado em novembro de 1928 e último volume, que reunia os números 4 e 5, publicado em 1929. Durante o curto período de existência da revista, Eurico Alves colaborou em todos os números.

Arco & Flexa reuniu os jovens poetas baianos preocupados com o movimento de renovação literária que se expandia no Brasil e cujo marco inicial foi a Semana de 22. Quando a revista surgiu, a literatura que predominava na Bahia era parnasiana. Dentro de um contexto bastante conservador, cujos valores literários vigentes ainda eram os do final do Século XIX, *Arco & Flexa* foi recebida com frieza ou sob protestos dos mais exaltados que classificam de "porcaria" os poemas nela publicados. Apesar da repercussão negativa, *Arco & Flexa* estava longe de assumir um caráter revolucionário.

O patrono da revista e responsável pelo artigo manifesto do primeiro número, "Tradicionismo dinâmico", era o experiente crítico literário Carlos Chiacchio, que já havia participado da revista simbolista NOVA CRUZADA e era também responsável pelos rodapés semanais do jornal A TARDE, iniciados em janeiro de 1928 e que se estenderiam até 04 de setembro de 1946. A sua herança cultural e o prestígio que gozava junto aos intelectuais baianos o impediram de assumir uma atitude de ruptura em relação aos valores literários convencionais. O seu artigo - manifesto - é um dos poucos trabalhos teóricos publicados pela Revista, mas reveste-se de uma importância fundamental na definição da linha de atuação ideológica da mesma. Assim, em "Tradicionismo dinâmico", Chiacchio propõe a renovação da literatura na Bahia: "O Tradicionismo dinâmico proposto pelo autor baiano é um composto de novo e de velho, de tradição e de dinamismo criador. E em sua base está a tensão entre o estático e o dinâmico, que é valorizado como estância da verdadeira renovação assentada no pré-existente, embora projetada para o fu-

turo".¹ O conceito de Tradicionismo dinâmico não implica em posição de ruptura com o passado, mas numa renovação das fontes nacionais, tradicionais, numa busca das raízes históricas e culturais brasileiras, de uma literatura com identidade nacional. Chiacchio critica as posições de Mário de Andrade e da Revista Antropofágica que ele considera como extremistas e violentas e propõe "o senso da medida". Condena as pesquisas experimentais no campo estilístico, denunciando as influências estrangeiras que fazem com que a literatura perca sua marca regional nacional. Opõe-se, assim, às inovações da linguagem propostas pelos modernistas do sul.

Através de rodapés publicados no jornal A TARDE, Chiacchio continua a desenvolver sua teoria do Tradicionismo dinâmico, acentuando a tendência da temática regionalista centrada na Bahia - "berço do Brasil" e na integração do homem com a paisagem e com os costumes de sua terra. O grupo de colaboradores de *Arco & Flexa* não era nada homogêneo e nem todos correspondiam às propostas temáticas de Chiacchio. Do grupo faziam parte desde poetas com tendências claramente modernistas, como era o caso de Eurico Alves Boaventura, até poetas de tendências parnasianas e simbolistas do fim do Século XIX.

A obra de Eurico Alves Boaventura representa o que há de mais autêntico na escolha de uma temática ligada às tradições regionais, na tentativa de erigir uma literatura nacional com bases nas raízes históricas e culturais do povo. Em 1973, numa entrevista, Eurico Alves coloca o conceito de Tradicionismo dinâmico: "Tradicionismo dinâmico significa manter a tradição movimentando-a, agitando-a para não morrer ou não ser apenas decorativa".² Dentre os autores que participaram de *Arco & Flexa*, a obra de Eurico Alves é incontestavelmente a que apresenta um cunho modernista mais acentuado, a tentativa de ultrapassar as formas tradicionais em busca de processos estilísticos renovadores. Assumindo a proposta temática do Tradicionismo dinâmico, Eurico vai também percorrer o caminho da renovação da linguagem, do experimentalismo no campo estilístico, descartando o recurso ao discurso convencional, retórico e desgastado. O próprio Chiacchio reconhece que Eurico Alves tem "um jeito de poeta modernista à moda do sul. Irá agradar imenso aos modernistas de lá debaixo".³ Em Eurico, a temática nordestina é trabalhada dentro de uma perspectiva modernista numa poesia que consegue ser individual, sem perder o seu caráter universal. Sobre Eurico Alves, a professora Ivia Alves, com seu estudo sobre a revista *Arco & Flexa*, opina: "É o autor mais representativo do periódico, tendo assimilado e integrado a temática local e nordestina ao lado de renovações estilísticas rítmicas já elaboradas e exercitadas pelos grupos do sul do País".⁴

O compromisso de Eurico com a temática do Tradicionismo dinâmico tem uma correspondência com a noção de nacionalismo defendida por Mário de Andrade, no momento em que sua prática poética se afasta da de Chiacchio e de alguns colaboradores de *Arco & Flexa* que, ao defenderem a renovação da literatura brasileira a partir das nossas raízes culturais, não conseguem escapar a exotismo e patriotismo estreito e nem aceitam o experimentalismo estilístico. Em Eurico, a caracterização do nacional passa pela renovação da língua, pelo abrasileiramento do português. Ele empreende uma busca séria das manifestações da realidade brasileira, mergulhando no conhecimento de uma tradição não-intelectualiza-

da, utilizando-se na sua criação poética das lendas e dos mitos brasileiros, dos costumes e tradições sertanejas, expostos em flashes do cotidiano. A despeito do conservadorismo do contexto cultural baiano e de uma proposta de renovação literária da revista *Arco & Flexa* que não ousava romper com as formas de expressão convencionais, a voz poética de Eurico Alves Boaventura inscreve definitivamente a Bahia no processo de transformação modernista da literatura brasileira.

LEITURA DA OBRA POÉTICA DE EURICO ALVES: PRIMEIRAS ANOTAÇÕES

Os poemas de Eurico Alves publicados em *Arco & Flexa* - "Bahia de todos os Santos", "A Escola", "Noturno Bahiano", "Minha Terra" e "Zabiapunga" inscrevem-se na temática do Tradicionismo dinâmico e assume uma proposta de experimentação estilística de acordo com as tendências modernistas da época, absorvida por Eurico Alves, especialmente através da leitura de Emile Verhaeren, Walt Whitman, Cassiano Ricardo, Ronald de Carvalho, Manoel Bandeira, Jorge de Lima. São poemas que evocam as tradições, costumes, folclores e lendas da Bahia numa linguagem coloquial, incluindo um vocabulário africano que se integra naturalmente à expressão de uma realidade sensual e mística. Dentro dessa temática nacionalista brasileira, a influência de Jorge de Lima se faz sentir, em especial o Jorge de Lima de *Poemas* (1927), quando o poeta se volta para a ambiência regional, atribuindo-lhe um caráter extremamente sensual. A leitura de "Zabiapunga", poema que evoca a dança ritual de negros do sul da Bahia, nos remete a "Xangô", de Jorge de Lima, do ponto de vista temático e das inovações, em termos da disposição gráfica dos versos. Do mesmo modo, ao escrever "Bahia de todos os Santos", Eurico Alves o dedica a Jorge de Lima, numa referência intertextual clara ao poema homônimo desse autor. Reproduzimos a seguir fragmentos dos poemas "Bahia de todos os Santos", de Jorge de Lima e de Eurico Alves: "Bahia/eu te olho e te ouço/de bordo do meu itazinho pulador, e sob a mesma noite que nos cobre/eu sinto o contato de teus membros morenos/e procuro com as mãos, com os lábios, tudo o que é bom de cingir e beijar". (...) "cadê o teu poeta Artur de Sales que não faz um poema a tua carne de brasas/a teus vatapás/ e a teus efós que ardem como beijos chupados"(Jorge de Lima). Eurico parece querer responder ao apelo de Jorge de Lima: "Bahia, minha Bahiazinha/ vou escrever hoje o teu poema, terrinha do meu coração!/Bahia de todos os Santos/és u'a morena preguiçosa/certas horas, dormindo descuidada na rede azul que o mar balança". (...) "O acarajé, minha gentinha, não tem aquele gosto ruim de beijo chupado/que Jorge de Lima diz/Um acarajé tem um gosto gostoso de um lábio pintado de menina novinha/e aquele ardor que nos fica na língua/ foi a dentadinha que a menina nos deu". (Eurico Alves).

Em ambos os poemas, notamos: a personificação da cidade tratada como uma mulher sedutora e sensual; a referência à culinária afro-baiana, conotando a integração de elementos africanos na cultura baiana; o recurso à sinestesia; à linguagem prosaica, solta, bastante adjetivada, de maneira a provocar uma atmosfera sensual; a utilização moderna na disposição gráfica dos versos livres e brancos.

Tanto em Eurico Alves como em Jorge de Lima, a reinterpretação da realidade regional passa pela visão voluptuosa dessa realidade, utilizando a comparação que se realiza através da imagem feminina.

Essa sensualidade impregnada na natureza e nas coisas é uma constante na poesia de Eurico Alves encontrada não só nos seus poemas de *Arco & Flexa* como também na sua produção posterior marcada pela vivência no sertão.

O poema "Canção para a minha Rede no Nordeste" (adiante transcrito) ilustra muito bem o aflorar de toda essa sensualidade através das fantasias eróticas do poeta, lembrando, pelo tema, o poema "Madorna de Iaiá", de Jorge de Lima. O corpo feminino ocupa o espaço da criação poética, representando o desejo:

Tem carícias de mulher a minha rede embalando...

Ram-Rem... Devagar, canta a minha rede, neste calor de dezembro
Ram-Rem...

O sol amaranha lubricamente as estradas desertas,
debuxando arabescos de cobre e ouro nas sombras dos juazeiros.
É como exótico bailado de mulheres desnudas
a poeira que o cambaleante tropel dos cabritos arranca.
Bole um vento preguiçoso...

Na copa verde de uma fronde imóvel,
o sol bebe em austos violentos todo o silêncio do varjado.

A caatinga lânguida adormece... Rumor de mandíbulas triturando...

Enquanto lá fora a volúpia da luz entontece e amolenta,
na varanda, sinto no calor a lembrança dos teus braços
e queima nos meus lábios a quentura doida da tua boca ausente.

Canta a rede. Na redondeza, rola um ram-rem de armadores cansados.

No sopro que vem dos varjados em torpor,
chegam-me afagos dos teus cabelos nesta volúpia morna,
sinto o calor adolescente no teu corpo sumarento,
do teu corpo que tem o travor de um fruto verde no verão.

Embalança a rede devagar...Ram-Rem...Devagar

Tem carícias de mulher a minha rede embalando...

Após *Arco & Flexa* o poeta, sob a influência da obra de Emile Verhaeren e da sua experiência da cidade grande, produz uma série de poemas que ele confessa em carta querer reunir sob o nome de *Poemas Metálicos*: "Pretendi, certo tempo, formar uma plaqueta - *Poemas Metálicos - com Petróleo, Bahia, Raça, Usina, Barragem, Dínamo, Arado e Sertanejo*. Reminiscências de leitura dos versos encandecidos do flamengo Emile Verhaeren. Ainda sinto a mesma alegria quando leio qualquer dos livros deste poeta".⁵ É interessante notar que Mário de Andrade também manifesta a mesma atração pela obra de Verhaeren: "Na minha leitura desarvorada, já conheci até alguns futuristas de última hora, mas só então descobri

Verhaeren. E fora o deslumbramento. Levado em principal pelas "Villes Tentaculaires", concebi imediatamente fazer um livro de poesias "modernas," em verso-livre sobre a minha cidade".⁶

Vemos que Eurico Alves estava aberto às influências modernistas mais arrojadas do que às tímidas tentativas de renovações literárias da maioria dos colaboradores de *Arco & Flexa*. Através dos *Poemas Metálicos*, Eurico procura uma nova maneira de expressar a presença da Tecnologia, do progresso industrial, na realidade cotidiana do homem urbano e rural. Os poemas expressam o eterno conflito entre *eros e thanatos*, a tecnologia gerando a vida e a morte na cidade grande: ..."dentro nas cidades congestionadas e fortes/pela oferta pagã do sangue negro da terra, criando a vida ao longo dos caminhos, matando a vida nos ásperos doidejares dos autos em disparadas/dos autos que levam a vida ao holocausto da vertigem/esquecidos do amargor dos destinos afogados no peso da lama/afundados no negro visgo do óleo que enlouquece e desvaira", ("Petróleo"). Eurico Alves deixa perpassar nesses poemas uma visão apocalíptica da realidade, ao elaborar uma enumeração caótica de objetos tecnológicos, instaurando um ritmo vertiginoso que se contrapõe ao equilíbrio à mansidão da natureza. Dessa forma, coloca no centro da sua expressão poética o conflito entre civilização e natureza que pode ser lido como o da vida e da morte, como podemos observar em "Usina":

Como um punhado de estrelas dentro da noite,
as casas dos empreiteiros
perdem-se na festa verde
das espátulas compridas do canavial contente...

E, ondulando, farfalhando,
o canavial se estende interminavelmente,
como um sonho esmeráldico de fatura,
da usina,
que, no centro,
estrídula e apita jazzbandiza ferros,
numa alucinação fantástica de mil músculos de aço,
tinindo e retinindo, zoando e retumbando no abandono do
vale.

Macabra mistura de polias, cordames, manivelas e rodas
dentadas,
furiosamente, diabolicamente, alucinadamente...

Na baixada, como dois braços sondando as estrelas,
as duas chaminés contemplativas se empertigam.

Outro aspecto importante na poesia de Eurico Alves é a presença do cotidiano, do prosaico e do popular nos seus poemas. Eurico Alves procura captar a essência do real através de detalhes aparentemente insignificantes, como nos poemas "Noturno de Capivari", "Poemas de uma tarde nublada", "Mensagem", "Canção Melancólica": a realidade da vilazinha do interior, a simplicidade dos

seus costumes, a essência de vida que o poeta extrai dos seus flashes do cotidiano, a partir de uma sucessão de imagens fragmentadas que compõem a expressão da realidade como um todo, recurso bastante próximo da técnica cinematográfica. Eurico Alves desrealiza a realidade da vilazinha do interior recriando o universo onde essência e aparência não são contraditórias. Na vilazinha recriada nos poemas de Eurico, a aparência não é uma ilusão de realidade é a própria essência do real apreendido pelos sentidos:

CANÇÃO MELANCÓLICA

Agora, sobre a vila, há uma doçura casta,
na conversa banal das meninas à janela,
pondo uma nota de melancolia na hora mansa.

A melancolia da vilazinha absorta, sem vaidade...

Melancolia das ruas vazias, das praças ermas, e nuas,
quando o sol é como um vinho velho para o meu paladar
e o riso das crianças, na tarde, lembra rosas orvalhadas
e se deprende esse cheiro ingênuo de vestidos engomados
dos grupos de moças nas janela discretas...

As andorinhas estão tecendo redes para a noite dormir.

Melancolia da tarde, quando passam crianças despreocupadas,
cheirando a água de chuva e sabonete barato,
após o banho vespéral...

Melancolia da tarde cheia de adolescentes que se benzem
e rezam,
ao sabor sonâmbulo do sino...

Eu devia ser puro assim e ter a coragem lírica de rezar,
ao crepúsculo.

Melancolia dos senhores cansados com modestos pacotes de massa
indo para casa, onde tirarão o casaco, imediatamente,
arregaçarão as mangas da camisa e terão o suspiro de alívio e
descanso.

Melancolia das mesas postas nas salas em penumbra
e das donas de casa ainda de óculos, costurando...

Melancolia da vila sem nenhuma sombra de maldade...

A noite desce. Passam agora mulheres pintadas de crepúsculos.

Quanta pureza! Até o pecado é puro na vila sossegada.
Serei, por acaso, o único mal na vila?

Melancolia dos crepúsculos doces, quando há uma lágrima
e o romance humilde numa canção sentimental...
Melancolia dos cumprimentos educados, infalíveis:
–Boa noite, dr., – Boa noite... – Até amanhã
até amanhã, para começar de novo,
esta deliciosa melancolia de viver na vilazinha.

Em mim, esta melancolia se espalha
como o rumor de uma canção cantada por mulher,
ou a doçura de um beijo ardente sobre os lábios...

A melancolia da vila sem nenhum vislumbre de maldade...

A temática regional, retomada a partir de sua volta ao sertão baiano em 1934, se constrói através de uma percepção intuitiva da realidade. Eurico Alves traduz nos seus poemas a realidade intuída pelas sensações. O seu processo de interpretação do real pode ser comparado ao comportamento de um personagem de uma crônica sua, publicada em 1961, intitulada "Sob o ditame do Rude Almajesto", ao ler intuitivamente os sinais da natureza. Nessa crônica, Eurico Alves explicita sua admiração pela sabedoria intuitiva do homem sertanejo: "No início de janeiro no avarandado da casa-da - fazenda, um amigo da roça me afiançava dogmaticamente que este ano seria, pelas provas e observações, ótimo, fecundo. Entendia ele a linguagem dos *ares*, a expressão da paisagem. Aos da cidade esta linguagem inexistente. O tabaréu, entretanto, compreende o que diz as coisas sem palavras. Não sofre dislexia ante a escrita que aprendeu a ler no ar". (...) "Traz o tabaréu a vida nos sentidos".

Eurico Alves, em seu processo de criação poética, utiliza-se das sensações para apreender as relações do homem com o mundo exterior. No poema "Proclamação" ele contrapõe a sensação, cuja natureza é intuitiva, à inteligência, ligada à lógica e à razão. Essa contraposição corresponde, em outro plano, a uma dualidade que se manifesta em vários poemas de Eurico; entre cidade e campo, homem urbano e sertanejo. De um lado a simplicidade, a sabedoria intuitiva, a sensualidade agreste, a vida tranqüila das cidadezinhas do interior, o contato direto com os cheiros, sabores e cores da natureza, enfim, a construção de um espaço idílico onde o homem reencontra o prazer de viver. De maneira antagônica, temos o conhecimento intelectual do real gerando no homem o estado de infelicidade. A lógica, a razão o impedem de captar a essência da vida. Preso ao ritmo alucinante nas cidades grandes, o homem desaprende a simplicidade de viver, não "compreende o que dizem as coisas sem palavras". Poema como "Proclamação" ("Meu amigo das cidades grandes e vertiginosas/hoje eu devia ter pena de ti, da tua vida/Aqui, a vida é um brinquedo de luz despreocupada/na corola azul das monta-

nhas em volta”), “Sertanejo” (“cidadino, não conheces esta alegria que embriaga/as almas no campo”) e “Elegia para Manuel Bandeira” traduzem esse aspecto da obra de Eurico Alves Boaventura. A “Elegia” é um dos poemas mais conhecidos de Eurico tendo merecido de Manuel Bandeira um poema em resposta – “Escusa” – publicado em *Bele Belo* e incluído na seleção *Meus Poemas Preferidos*. Reproduzimos abaixo o diálogo poético entre Eurico e Bandeira:

ELÉGIA PARA MANUEL BANDEIRA

Estou tão longe da terra e tão perto do céu,
quando venho subir esta serra tão alta...

Serra de São José das Itaporocas,
afogada no céu, quando a noite se despe
e crucificada no sol se o dia gargalha.
Estou no recanto da terra onde as mãos de mil virgens
tecem céus de corola para o meu acalanto

Perdi completamente a melancolia da cidade
e não tenho tristeza nos olhos
e espalho vibrações da minha força na paisagem.

Os bois escavam o chão para sentir o aroma da terra,
e é como se arranhassem um seio verde, moreno.

Manuel Bandeira, a subida da serra é um plágio da vida.
Poeta, me dê esta mão tão magra acostumada a bater nas teclas
da desumanizada máquina fria
e venha ver a vida da paisagem,
onde o sol faz cocéguas nos pulmões que passam
e enchem a alma de gritos da madrugada.

Não desprezo os montes escavados
tal o meu romântico homônimo de Guerra Junqueiro.
Bebo leite aromático do candeal em flor
e sorvo a volúpia da manhã na cavalgada.
Visto os couros do vaqueiro
e na corrida do cavalo sinto o chão pequeno para a galopada.
Aqui come-se carne cheia de sangue, cheirando a sol

Que poeta nada! Sou vaqueiro.
Manuel Bandeira, todo tabaréu traz a manhã nascendo nos olhos.
e sabe de um grito atemorizar o sol

A obra de Eurico Alves tem muitos pontos em comum com a de Manuel Bandeira, sobretudo com o Bandeira de "Evocação do Recife". A presença das imagens brasileiras, o tom evocativo e nostálgico, a percepção de elementos do cotidiano como fonte inspiradora da criação, a linguagem prosaica imprimindo um ritmo pessoal são elementos também presentes em vários poemas de Eurico Alves que recriam, de maneira predominante, a atmosfera nostálgica através de reminiscências da infância, na tentativa de resgatar o passado através da criação poética: "Elegia do Solar Abandonado" (" A dor humana destas paredes que se encurvam para o sono dos tempos"... "Casa-da-Fazenda" ("Nem um rumor, nem um murmúrio das folhas cochichando, agora,/Nem leve arrepio de asas sobre a terra... Todo o solar dormindo, embalado pelo luar.../Entre as paredes confidentes do solar branco e azul/adormecem todos os pensamentos e as risadas claras do vento/ Agora, dançam sombras sonâmbulas sussurrando no silêncio..."); "Canção para as fidalguias das velhas louças azuis" ("Velha louça azul... ah! o perfume silencioso destes dias desaparecidos..."); "Rondó das Sombras consoladoras" onde o poeta vai além da evocação nostálgica do passado nos colocando diante de uma percepção pessimista e angustiada da passagem do tempo. É um dos poemas da fase madura de Eurico, década de 50, sendo também um dos mais bem realizados:

Todos os crepúsculos agora estão em mim...
 Almas estranguladas passeiam em minha alma em
 confiança,
 pelas escuras alamedas do passado...

Porque vens, agora, sombra amiga,
 quando esta longa noite do tempo veio para esquecer,
 porque vens aflorar no meu caminho a sinfonia do
 meu tormento?
 Perdi sonhos, perdi desejos infecundos, perdi de
 ouvir a música do tempo.

E, porque vens, agora, com a volúpia dos teus gestos
 lascivos,
 celebrar com sorrisos as exéquias dos meus desejos,
 recolher o sopro dos meus sonhos desfeitos e reavivar
 a música do tempo inútil.

Já não há mais instante para sonhar...
 Tropeço, dentro da noite, em cadáveres de sonhos...
 Porém, mãos de suicidas,
 as dolorosas e augustas mãos de suicidas
 veem ensombrear a minha frente para eu sonhar...
 Todos os crepúsculos agora estão em mim...

Nos olhos das virgens que se estrangularam de volúpia
inutilmente,
sou Narciso, embalando o sono da minha angústia...

Vem, sombra amiga, traze um milhão de sombras,
miríades de sombras femininas
para o bailado silencioso do meu tormento...
Todos os crepúsculos agora estão em mim...

Os aspectos aqui abordados e os poemas selecionados dão idéia da dimensão poética da obra de Eurico Alves Boaventura. Despertar o interesse pela leitura de sua obra é uma forma de comprometer os estudiosos da literatura com o reconhecimento da necessidade de tornar pública essa obra. Reafirmamos assim o objetivo maior desse nosso trabalho.

NOTAS

1. Dulce MASCARENHAS, *Carlos Chiacchio: homem & obras*, p. 60.
2. Ivia ALVES. *Arco & Flexa*, p.127.
3. Carlos CHIACCHIO. "Homem & Obras: Escritores Novos da Bahia", *Jornal A Tarde*.
4. Op. CIT., nota 2, p.48.
5. Juracy DÓREA. *Eurico Alves poeta baiano*, p.35.
6. Mário de ANDRADE. *Aspectos da literatura brasileira*, p.233.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Ivia. *Arco & Flexa*. Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978. 145p.
- ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. 5.ed. São Paulo, Martins Ed. 1974, 256p.
- BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 5. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976. 347p.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1982. 582p.
- CHIACCHIO, Carlos. *Homens e obras: escritores novos da Bahia*. A Tarde, Salvador, 27/nov./1928.
- DA COSTA, Marta Morais et alii. *Estudos sobre o modernismo*. Curitiba, Criar, 1982. 162p.

- DÓREA, Juracy. *Eurico Alves poeta baiano*. Feira de Santana, Editora Jornal Feira Hoje, 1978. 96p.
- LIMA, Jorge de. *Poesia completa*. 2. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.